

## RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

### 311. O "24 DE MAIO", EVOCAÇÃO DE IMPORTANTE EVENTO

Numerosas cidades do Brasil inscreveram em suas placas de ruas a data de hoje, 24 de maio, assinaladora da primeira batalha de Tuiuti, em 1866, grande vitória do general Osório e decisiva para o prosseguimento da campanha contra Solano Lopez. Os especialistas em história militar consideram-na um evento realmente significativo. Daí, ter sido sempre considerada um símbolo na crônica de nossa vida militar, durante muito tempo comemorada com grande júbilo e aparato nas corporações do exército, o que parece ter passado de moda. E tal como a data, o seu herói, um dos nomes-tanto quanto Caxias - de maior significação na galeria dos nossos vultos, os dois mais homenageados de toda a nossa crônica. Rara, igualmente, a cidade que não tenha os dois nomes atribuídos a vias públicas.

Osório, apesar de condecorado com o título de "Marquês de Herval" foi sempre conhecido pelo seu próprio nome, caso raro em que o título não fez eclipsar o nome, como de comum acontece. Quantos, por exemplo, saberão os nomes do Visconde de Mauá, do Barão do Rio Branco, do Barão de Cotegipe, do Marquês de Barbacena, do Marquês de Abrantes e do próprio Duque de Caxias?

A toponímia relativa à Guerra do Paraguai tornou-se freqüente na nomenclatura urbana do Brasil, e isso logo após a cessação do conflito, em 1870. Numerosas cidades do Brasil ostentam, em suas placas de ruas, os nomes

de "Riachuelo", "Humaitá", "Paissandu", "Aquidabã", "Uruguaiana", "Corrientes" "Avaí" ... E, às vezes, até topônimos pouco significativos, como o caso de Botucatu que deu uma de suas ruas o nome de "Curuzu" .

Na cidade de São Paulo, além de todo um bairro praticamente dedicado à Guerra do Paraguai (o Alto da Lapa), o evento é lembrado, também, na parte mais antiga da cidade, com as ruas denominadas "Aurora" "Vitória" e "Triunfo", todos nomes alusivos ao desfecho da guerra. De todos os topônimos, "Riachuelo" é o que tem merecido a preferência das cidades brasileiras e, em decorrência da rua, o nome estendeu-se também a estabelecimentos comerciais, escolas, clubes, e até marcas registradas de produtos da mais variada natureza.

Em muitos casos, os nomes relativos à Guerra do Paraguai são atribuídos a ruas de muita importância. Não nos esqueçamos da rua 24 de maio, da Capital, uma das mais movimentadas do centro comercial da grande metrópole, o mesmo acontecendo com a rua Uruguaiana, no Rio de Janeiro. O nome da grande cidade da fronteira evoca a famosa "rendição" de Estigarribia, à qual assistiu o próprio Imperador D. Pedro II, a 18 de setembro de 1865, evento este imortalizado num belo quadro de Pedro Américo, outrora muito divulgado nos manuais de história pátria.

Quanto às datas, a utilização é bem menor. Além do 24 de maio (objeto precípuo desta nota), recordo-me apenas do 11 de junho (batalha do Riachuelo) e 1º de março (final da guerra), esta lembrada numa das mais importantes vias públicas do Rio de Janeiro (24-5-97).

### **312. TEXTOS RELATIVOS AO BANDEIRISMO**

Por ocasião do quarto centenário da cidade de São Paulo (1954), a Livraria Martins Editora, não mais existente, publicou, sob a direção de Afonso de Taunay e com o patrocínio da comissão organizadora das comemorações da grata efeméride, a "Biblioteca Histórica Paulista", nos moldes da "Biblioteca Histórica Brasileira", publicada alguns anos antes pela mesma editora, sob a direção de Rubens Borba de Moraes.

A nova coleção compreendia dez títulos valiosos da bibliografia histórica paulista, entre eles alguns clássicos, como as obras de Frei Gaspar da Madre de Deus e de Pedro Taques, os "Apontamentos Históricos", de Azevedo Marques e alguns relatos de viajantes que percorreram a província no século passado, como Saint-Hilaire, Tschudi, Zaluar e D'Alincourt.

Integrando a "Biblioteca" promoveu Taunay a publicação de dois volumes de textos relativos ao Bandeirismo, aos quais intitolou "Relatos

Sertanistas" e "Relatos Monçoeiros". Nem todos os textos eram inéditos, mas era como se o fossem, pois haviam sido estampados em publicações antigas e de difícil acesso.

Em "Relatos Sertanistas", reuniu Taunay os documentos constantes da Coleção Felix Pacheco, da Biblioteca Municipal de São Paulo (atualmente denominada "Mário de Andrade") e mais alguns códices importantes sobre penetrações pelo sertão, entre os quais o roteiro de Silva Braga relativo ao descobrimento de Goiás, bem como outros sobre Mato Grosso. Dos mais significativos são os textos referentes ao Rio das Mortes, "sua descrição, descobrimento das suas minas, casos nele acontecidos entre paulistas e emboabas e criação das suas vilas". De igual interesse, sobretudo para a história das comunicações, a "Demonstração dos diversos caminhos de que os moradores de São Paulo se servem para os rios Cuiabá" ou o "Roteiro para os Martírios, indo em canoa pelo Ribeirão de Goiás".

O volume sobre as Monções vem precedido de excelente ensaio de quase cem páginas do próprio Taunay, sobre o movimento monçoeiro e contém, entre outros documentos valiosos, o "Diário da Navegação", de Teotônio José Juzarte, que já havia sido divulgado por Taunay em mais uma ocasião, a "carta de um passageiro de monção" e a relação da viagem do Conde de Azambuja de São Paulo a Cuiabá.

Os volumes da "Biblioteca Histórica Paulista", dado o caráter de publicação oficial, desapareceram logo das livrarias, pois a maior parte da edição fora distribuída pela "Comissão de Quarto Centenário". O mesmo ocorreu com uma reedição feita em 1972, ao ensejo do sesquicentenário da Independência, fora de comércio e distribuída apenas a entidades culturais. Mais uma reedição mereceram os dois documentários sobre o Bandeirismo, na década de 80, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo, integrando a preciosa coleção "Reconquista do Brasil" (nova série, volumes 33 e 34). Mas também estes já fora de circulação, portanto longe, bem longe do alcance dos interessados. Lamentável! (31-5-97)

### 313. O HISTORIADOR DE BLUMENAU

É possível que o nome evocado nesta nota diga muito pouco, talvez mesmo nada a muitos leitores; mas dirá muito, muitíssimo até, a quem quer que tenha alguma vinculação com a terra catarinense. Trata-se de José Ferreira da Silva (1897-1973), a quem estou denominando "historiador de Blumenau". Embora não tenha nascido na bela cidade do vale do Itajaí, nela viveu praticamente a vida toda, com intensa participação na vida política,

administrativa, social e cultural, e neste último caso sobretudo nos domínios da história, não só de Blumenau, mas de todo o Estado de Santa Catarina.

Transcorrido neste ano o seu centenário, a Academia Catarinense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (instituições a que pertenceu) celebraram de maneira condigna a ocorrência; o próprio programa das comemorações acentuava que "como historiador suas obras estão voltadas à história regional catarinense", e que seus trabalhos foram sempre, marcados "com excessiva obsessão pela honestidade e correção nos registros históricos, aliada a uma constante e comovente preocupação de escrever num estilo claro e erudito".

Pertencendo, com muita honra, às duas entidades promotoras da homenagem, julgo-me no dever, aliás bastante jubiloso, de evocar, ainda que ligeiramente, o saudoso historiador no único jornal em que, no momento, colaboro. Ainda mais que nosso relacionamento vinha de longe.

Conheci José Ferreira da Silva há quase 60 anos, quando, em setembro de 1940 tive oportunidade de participar de um congresso de Geografia em Florianópolis. Um dos pontos altos do programa do evento consistiu numa excursão ao vale do Itajaí e nela fomos assessorados por José Ferreira da Silva, então prefeito ("interventor", na linguagem da época) de Blumenau. Guardo até hoje a lembrança da fidalguia e dedicação de nosso anfitrião.

Vinte anos depois, voltei a Blumenau, coincidentemente também para um outro congresso de Geografia, e dessa vez encontrei José Ferreira da Silva como diretor da Biblioteca Fritz Müller, riquíssima para a história do vale do Itajaí. Nesse cargo, foi-me de extraordinária valia o contacto com Ferreira da Silva, pelo que ele me serviu para as pesquisas que pretendia realizar sobre a evolução urbana de Blumenau. Sem sua orientação e auxílio, muito pouco teria realizado da tarefa de que fora incumbido. Guardo prazerosamente a lembrança de nossas longas conversas, baseadas no seu profundo conhecimento da história da região e de suas fontes, notadamente o grande acervo em língua alemã.

Nessa ocasião, deu-me ele a conhecer "Blumenau em Cadernos", preciosa revista que fundara e vinha editando mensalmente com incrível dedicação e capacidade, verdadeiro repositório de fontes não só para o estudo de Blumenau, como de todo o vale do Itajaí. Ofereceu-me ele uma coleção completa do que havia sido publicado e passei a recebê-la regularmente e dela até hoje sou assinante. Inúmeras vezes tenho utilizado essa preciosa publicação em meus trabalhos de investigação histórica. Ela merece uma nota especial, que oportunamente escreverei para esta mesma folha.

Em 1977, de novo em Santa Catarina para um outro congresso, desta vez de História, meu prezado confrade e amigo Walter F. Piazza deu-me a triste notícia de que Ferreira da Silva (a quem planejara visitar) já havia falecido. Mas a obra que era a "menina de seus olhos" continua, pois dela se incumbiu com carinho e proficiência a Fundação Cultural de Blumenau. E mais que tudo, permanece a sua memória, certamente evocada com propriedade na homenagem que lhe foi prestada pelo seu centenário. (7-6-97)

### **314. PUBLICAÇÃO CIENTÍFICA EM "ROUPA NOVA"**

A expressão "roupa nova" utilizada para título desta nota, refere-se à nova (e bonita) apresentação de que se revestiu o último número das "Publicações do Museu Histórico Municipal da Paulínia", até agora apresentadas e por mais de vinte anos - de maneira bastante modesta, simplesmente mimeografada, porém demonstrando sempre excelente critério na elaboração dos textos e, conseqüentemente, uma profunda seriedade na matéria nela divulgada. Apresentação do Senhor Prefeito Municipal da cidade, Adélio Vedovello, recorda que a publicação sempre se compôs de duas partes: uma, de autores variados e outra, de autoria do dr. Desidério Aytai, "cientista ligado às culturas indígenas de nosso país".

Foi Desidério Aytai não apenas o organizador do Museu de Paulínia e o criador de sua publicação, mas o verdadeiro estimulador e orientador de numerosos pesquisadores nas áreas da Antropologia e da Etnografia. É-me grato, imensamente grato, evocá-lo, pois guardo excelente recordação do tempo em que convivemos na Universidade Católica de Campinas. Ao lado de sua profissão de engenheiro - e naturalmente, sem prejuízo dela - realizou Desidério Aytai, muitas vezes em colaboração com sua digníssima esposa, valiosa obra como etnólogo e antropólogo, tornando-se um nome nacional, reconhecido e admirado pelo seu rigor científico, ao lado da mais expressiva modéstia, recolhido em sua chácara de Monte Mor.

Foi o que justamente reconheceu, há alguns anos, o Museu Paulista, quando lhe dedicou quase todo um volume de sua preciosa revista, por iniciativa da Professora Thekla Hartmann, que, no prefácio, lembrou que "às discussões em torno de diversos escritos do Professor Desidério Aytai sugeriram a idéia de dar divulgação mais ampla à obra de um antropólogo que vem abrindo novos espaços de pesquisa para a etnologia no Brasil".

Independentemente dos modismos que se sucedem nessa área científica, Desidério Aytai "trilha serenamente o seu carinho, resolvendo, quase sem-pre por via experimental, os problemas que seu espírito inquisitivo

vislumbra nas culturas indígenas do passado e do presente. Sua trajetória, vivida no campo, no museu e em meio aos livros, vai da investigação arqueológica à etnomusicologia".

Informa, ainda, a Professora Thekla Hartmann que o amplo leque de interesses dos estudos do Professor Desidério Aytai "chamou ao seu convívio uma série de pesquisadores que, de uma forma ou de outra, saíram enriquecidos com seu contato, em termos intelectuais e humanos". E embora a publicação, ainda na informação de sua coordenadora, não tenha sido possível na forma originalmente planejada, apresentou-se na forma de uma coletânea de artigos oferecidos pelos autores como preito à atividade científica de Desidério Aytai. "E ela acabou por constituir-se num conjunto de textos inovadores em termos de abordagem e metodologia que focalizam temas da preferência do homenageado". O rabiscador destas linhas sentiu-se profundamente honrado com o convite para colaborar nessa publicação do Museu Paulista, nela comparecendo com ligeiro artigo intitulado "Maximiliano e outros príncipes alemães".

O novo fascículo do Museu de Paulínia, que motivou esta nota em homenagem a Desidério Aytai, divulga, na primeira parte, bem elaborado estudo sobre "Condições de vida do escravo na província de São Paulo no século XIX", do Professor José Santo Jesus Fiorini; e, na segunda, Desidério Aytai conclui suas utilíssimas "Recomendações para o antropólogo principante". A publicação do Museu Paulista, que encerra a homenagem a Desidério Aytai, constitui o volume 33 (nova série) de sua "Revista", correspondente ao ano de 1988. (5-7-97).



